

O MÉTODO POSITIVISTA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS: O VIÉS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

José Adersino Alves de Moura (UFPI/UESPI).

GT 11 - História, Memória e Educação

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre a aplicação do método positivista nas ciências sociais, em particular em história da educação. O texto, escrito a partir de investigação de caráter bibliográfico e análise qualitativa de conteúdo, revela algumas implicações da aplicação do método positivista em história da educação, na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que discute o processo histórico educativo, como um instrumento importante de melhoria do futuro da escola; que deve estar sempre aberto às revisões no relacionando com a cultura, para compreender melhor os opostos e possibilitar a participação dos excluídos, através da adoção de novos significados, na investigação dos fatos históricos da educação.

Palavras-Chaves: Positivismo. História da Educação. Ciências Sociais.

Introdução

A história é o processo de investigação de uma realidade passada para a compreensão do presente e possibilidade interferência no futuro com responsabilidade. Ela precisa ser organizada, inclusiva e tratar os fatos, a serem disponibilizados para a posteridade, numa dimensão epistemológica, cuja tendência metodológica permita ao historiador investigar todos os vestígios deixados pela ação do homem no passado, e, a partir daí, construir uma análise coerente e fiel que atenda aos objetivos de todos os atores sociais envolvidos no processo histórico.

A metodologia, nesse processo, por conseguinte, vai desempenhar um papel mediador entre a história, entendida no seu duplo sentido de fatos passados e o estudo desses fatos, junto às teorias do conhecimento que devem ser coerentes com a cultura socializada. Assim, o método de abordagem usado pelo historiador vai traduzir a sua visão de mundo.

Neste texto faremos uma breve reflexão sobre o método positivista e analisaremos porque, não obstante sua importância para o desenvolvimento da ciência moderna, deve sofrer algumas restrições na análise do processo histórico na educação. Nosso posicionamento tem como base o estudo de vários textos, artigos, ensaios e de outras fontes, discutidas, durante as aulas da disciplina Fundamentos Históricos da Educação, no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Piauí. O conteúdo desse material foi analisado de acordo com a orientação de Bardin (1979 apud RICARDSON, 1999, p. 223) “[...] visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores [...] que permitam inferir conhecimentos” e assim ensaiásemos algumas respostas para os seguintes questionamentos: o que foi a doutrina positivista? Qual a sua concepção de história e de história da educação? Essa concepção é benéfica para a educação na atualidade?

O objetivo é suscitar uma discussão reflexiva em torno do emprego do método positivista nas ciências sociais, principalmente em história da educação, pois entendemos que

a concepção do trabalho do historiador em educação, na contemporaneidade, deve contemplar todos os atores do processo educativo interativamente e mostrar as contradições; as diferenças; a falta de consciência social e, acima de tudo, incentivar o combate à visão linear na análise dos fatos históricos, aspectos não contemplados pelo método positivista.

O Método positivista

O positivismo foi a corrente do pensamento que dominou a Europa no século XIX e se espalhou por todos os continentes, tendo como seu principal teórico Augusto Comte. Entre 1830 e 1842 Comte publicou a obra *Curso de Filosofia positiva*, fazendo um resumo da história das ciências físicas e biológicas e concluiu que o pensamento humano passara por três estágios: o *teológico, o metafísico e o positivo ou científico*.

Rompendo com os estados teológicos e metafísicos do pensamento, Comte constrói sua própria idéia de ciência, introduzindo a concepção de que *o conhecimento só pode ser válido se provado pelo método científico*. Essa nova proposição de ciência é uma reorganização do pensamento humano na dimensão espiritual, social e política. Costa (1953), observa que a disposição da filosofia positivista se refere, ao mesmo tempo, a uma disposição interior do espírito; a um método de pesquisa científica e a certa concepção da própria síntese filosófica. “O conteúdo da experiência e a determinação das leis que a regem, constituem o domínio de pesquisa da filosofia positiva, para a qual somente o conhecimento dos fatos é fecundo” (COSTA, 1953, p. 353).

O objetivo *a priori* da filosofia positivista foi eliminar todos os problemas que comportavam soluções transcendentais ou que procuravam se utilizar de métodos que a ciência não aceitava. Nesse sentido, ganhando força pela grande evolução ocorrida nas ciências sociais nos séculos XVI e XVII, por explicar fatos até então inexplicados, o método positivista abriu horizonte para uma cultura nova de base experimental e tendência crítica que já apontava para o renascimento cultural, conseguindo reunir em uma só lei, os princípios de ordem e progresso, pregando que só podia existir progresso, onde houvesse ordem e vice-versa.

Para a filosofia positivista não é possível se estabelecer qualquer espécie de ordem e fazer com que esta dure, se não for compatível com o progresso. Por outro lado não há progresso, se este não for consolidado pela ordem. Assim, “o positivismo tende profundamente, por sua natureza, a consolidar a ordem pública, pelo desenvolvimento de uma sábia resignação” Durkheim (1977, apud LOPES, 2002, p. 20).

A compreensão do mundo com base no cientificismo positivista que buscava a construção de verdades absolutas e incontestáveis, tornou-se em pouco tempo, a tônica de todo o pensamento do Velho Continente, espalhando-se para diversos campos do saber. Renasceu a importância da Física e da Química como disciplinas exatas, por exemplo. Mas o caso mais destacado desse processo de construção de conhecimento é a transformação que ocorre nas chamadas disciplinas humanistas, na História e a Sociologia. Elas também vão incorporar a tendência cientificista, auxiliando a explicar o domínio europeu nas novas colônias e impondo novos métodos de se estudar as relações sociais e o andamento da História dos povos.

No processo histórico, o positivismo reduz o papel do homem, enquanto ser pensante e crítico, para um mero coletor de informações e fatos presentes nos documentos. Para os historiadores positivistas a História assume o caráter de ciência pura aonde a cronologia dos fatos por si, determina o que é verdade, não sendo necessário a interferência do historiador no processo. Por sinal o papel deste é coletar os dados e ajotá-los, constatando pela análise minuciosa e liberta de julgamentos pessoais, sua validade ou não. O saber histórico, dessa forma, provém do que os fatos contêm, e assume um valor tal qual uma lei da Física ou da Química, nas ciências exatas, e tenta imprimir, principalmente na educação, uma racionalidade eminentemente técnica.

As ciências naturais como paradigma: educação como “coisa”

Como o positivismo conseguiu expandir sua concepção de mundo, de homem, de sociedade e de educação?

Para Schützer (1958) as origens históricas do positivismo, revelam por si uma vocação pedagógica, pois

não provem ele [positivismo] de sistemas anteriores, nem procura justificar-se em doutrinas das quais seria a continuação ou correção. Como expressão da burguesia revolucionária ele virá anunciar uma nova problemática em que a razão, aliada à experiência, encontra na própria realidade o seu ideal de conhecimento. Voltado inteiramente para a ação, de que procura ser a direção racional, o positivismo renuncia às especulações da metafísica e ao socialismo utópico. O critério único da ciência impõe-lhe os limites da verdade - e é natural, que se apresente como o ‘evangelho da razão’. E a sua vocação pedagógica resulta diretamente de seus propósitos políticos de salvação pelo progresso (p. 280).

Neste sentido, o problema educacional se constituiu em um problema primordial para Augusto Comte. O sentido da moral da política se fundamenta no ideal pedagógico. O educador surge para a doutrina comtista como o destinatário da nova filosofia. Durkheim (1965, apud LOPES, 2002, p. 19) diz que “todo o passado da humanidade contribuiu para estabelecer esse conjunto de princípios que dirigem a educação de hoje”. Conforme esclarece essa autora, a concepção positivista durkheimiana, considera a educação como “uma coisa social”. Essa visão pressupõe que todas as ações só devem ser realizadas, seguindo um encadeamento ordinário, cuja ordem não pode ser quebrada.

Devemos entender, no entanto, que Comte tentou enquadrar as ciências sociais no paradigma das ciências naturais, apresentando a física como modelo para sociologia e defendendo a necessidade de fundar uma "física social". Mas foi Dürkheim quem levou a cabo essa pretensão, fazendo com que o positivismo fosse a base filosófica, inclusive, do funcionalismo que gerou a sociedade americana tal qual a conhecemos hoje. Dürkheim defendia o pressuposto da existência de "conexões causais" distinguindo-se do positivismo comtiano que somente admitia a formulação de leis que representassem a repetibilidade e a

regularidade dos fenômenos.

As idéias de Comte e Durkheim deixaram marcas no pensamento conservador em várias disciplinas das ciências humanas, inclusive na história da educação, pois como pensadores positivistas acreditavam que a sociedade poderia ser analisada da mesma forma que os fenômenos da natureza. A sociologia teria, assim, como papel fundamental, o de explicar a sociedade para manter a ordem vigente. Esse pensamento também foi incorporado ao processo de construção da história e é ressaltado por inúmeros autores. Confirmando esse posicionamento Borges (2003, p. 34, grifo nosso) diz que o

[...] positivismo como filosofia surge ligado às transformações da sociedade européia ocidental, na implantação de sua industrialização. Segundo essa forma de pensamento, cabe à história um levantamento “científico dos fatos, sem procurar interpreta-los, **deixando à sociologia sua interpretação**”. Para os historiadores positivistas, os fatos levantados se encadeiam como que mecânica e necessariamente, numa relação determinada de causas e conseqüências (ou seja, efeitos). A história por eles escrita é uma sucessão de acontecimentos isolados, relatando, sobretudo os efeitos políticos de grandes heróis, os problemas dinásticos, as batalhas, os tratados diplomáticos etc.

Para Comte e Durkheim a sociedade é regulada por leis naturais, leis invariáveis, independentes da vontade e da ação humana, como a lei da gravidade ou do movimento da terra em torno do sol, de modo que nela reina uma harmonia semelhante à da natureza, uma espécie de harmonia natural. Assim a metodologia utilizada pelas ciências sociais tem que ser idêntica à metodologia das ciências naturais, posto que o funcionamento da sociedade seja regido por leis do mesmo tipo das da natureza.

Nesse sentido o grande paradoxo do pensamento positivista de Comte, segundo Costa (1953) está no entendimento de que a ordem fundamental da realidade corre por si mesma, sem a necessidade de nenhuma transformação. Entender a sociedade dos homens nessa perspectiva é negar, inclusive, a inteligência da qual todos somos dotados e a transformação como fonte de construção do novo.

O Paradoxo do enfoque positivista nas ciências sociais: o viés na história da educação.

O positivismo sempre foi um enfoque filosófico muito utilizado em pesquisa na área das ciências sociais, principalmente até a década de 70. A partir da década de 80, no entanto, começou a se verificar certo declínio, principalmente pela crítica mundial realizada pela Escola de Frankfurt (Adorno, Habermas, Marcuse).

O positivismo perdeu a importância na pesquisa das ciências sociais que se realizava, especialmente nos cursos de pós-graduação das universidades, porque a prática da investigação

se transformou numa atividade mecânica, muitas vezes alheia às necessidades dos países, sem sentido. Opaca, estéril (TRIVIÑOS, 1987, p.31).

Para Habermas apud Triviños (1987), o positivismo, nas ciências sociais, iniciou propondo um método para analisar o comportamento social semelhante a uma ciência analítico-normativa. Dizia-se autônomo perante os juízos de valor e, gerando, na forma de pensar, uma separação entre conhecimento e interesse. Esta "neutralidade" da ciência perante os valores pressupõe um dever-ser-abstrato, aonde o conceito clássico de teoria é negado, principalmente quando se pressupõe essa neutralidade. A ciência positiva recolhe da tradição clássica o sentido metódico da postura teórica e a exigência de uma estrutura de mundo independente do sujeito que conhece. Habermas não aceita que se estabeleça o conhecimento científico como o único válido, bem como a possibilidade de não se investigar o que não seja objeto de percepção sensível.

No positivismo a verdade nas ciências sociais deve ser buscada por mentes neutras, pois qualquer juízo de valor na pesquisa e/ou análise altera o sentido e a “verdade” própria desses fatos, modificando, pois o próprio sentido de ciência. As ciências sócias, como a sociologia, a história e seus ramos, como a história da educação, devem ser ciências objetivas, neutras, livres de juízos de valor, de ideologias políticas e possuírem objetividade científica completamente desligada de qualquer vínculo com as classes sociais, com posições políticas, valores morais, ideologias, utopias e com visões de mundo, etc.

Para Lopes (2002, p. 23), a concepção positivista de “história é pensada como uma sucessão de fatos em direção ao progresso, que seriam alcançados quando a sociedade alcançasse [...] o estado positivo”, ou seja, a história deve se basear em fatos isolados e que por si só encerrem grandes feitos. Assim o positivismo entende o trabalho do historiador, como um simples coletor de dados (ZEQUERA, 2002, p.70).

O positivismo, no entanto comete um erro fatal, ao permitir tais considerações, pois enseja uma

[...] incompreensão da especificidade metodológica das ciências sociais. Essa especificidade estaria ainda [...], calcada em quatro causas principais:

1. No caráter histórico dos fenômenos sociais, transitórios, perecíveis, suscetíveis de transformações pela ação dos homens;
2. Na identidade parcial entre o sujeito e o objeto do conhecimento;
3. No fato de que os problemas sociais suscitam a entrada em jogo de concepções antagônicas das diferentes classes sociais; e
4. Nas implicações político - ideológicas da teoria social: o conhecimento da verdade pode ter conseqüências diretas sobre a luta de classes (LOWY 1973, apud LOPES, 2002, p. 31).

Podemos entender desta forma que o positivismo vê a história como uma história inerte que não se comunica com o presente, nem com o futuro; que é parte da realidade em que o homem se insere, mas só pode registrar as situações e sucessos que indicam essa inserção; um processo que já tem no passado seu começo, meio e fim. Nesse mesmo sentido a historiografia se apresenta como história dessa história, principalmente em história da

educação.

Observamos que o grande problema para a epistemologia da história da educação, que aparece nas entrelinhas da visão positivista, está na construção do conhecimento histórico em educação, ou melhor, “*na falta de construção do conhecimento histórico*”. O historiador não assume responsabilidade social e é um mero compilador de feitos, datas e nomes; tendente às idéias e organização de textos em torno de grandes pedagogos e a contar a história das grandes instituições, através de relatos históricos com propósitos pragmáticos (ZEQUERA, 2002). Esse historiador ressalta as grandes realizações políticas, sem se preocupar com os efeitos futuros dessas realizações, nem com a espécie de contribuição que possam trazer para a educação.

A análise positivista da história da educação ao não adotar uma postura questionadora, principalmente das relações de poder e das formas de conhecimento que colocaram o sujeito imperial europeu na atual posição de destaque, privilegia toda uma continuidade de exploração humana, pela hierarquização das culturas e pela subestimação do próprio conceito de *representação social*, que numa visão fundamentalmente pós-estruturalista, ocupa um lugar de destaque, e mostra as formas de inscrição pelas quais o outro é representado. Ex: na literatura, no cinema, na pintura, na fotografia, numa peça publicitária, etc. A postura positivista também não ajuda na construção da identidade dos indivíduos que deve ser objeto de constante investigação pelo historiador contemporâneo.

O certo é que se verifica uma relação de poder no ato educacional que coloca a cultura dominante sempre como condutora do processo histórico. Ficam fora de uma análise mais apurada por parte do historiador, as relações de poder entre as diferentes nações que compõem a herança econômica, política e cultural, bem como as relações atuais de dominação entre nações, com base na exploração econômica e cultural. Entendemos que a história da educação deve assumir uma postura ética e de abordagem multiculturalista que não separe questões de conhecimento, cultura e estética de questões de poder, política e interpretação. Por outro lado a História da Educação deve entender os processos culturais e a própria cultura como um campo de luta em torno da significação social, aonde os diferentes grupos sociais, situados em campos opostos do poder, lutam pela imposição de seus significados a toda a sociedade de forma ampla (SILVA, 2000).

Infelizmente a concepção positivista de história, aponta para a visão historicizante da educação “que caminha para a concepção linear [...] da história como se os homens e os acontecimentos acompanhassem uma trajetória ideal e preconcebida” (VIEIRA, 1982 p. 110). Assim, ao invés de procurar se reportar à pesquisa histórica como um caminho seguro para encontrar respostas para uma melhor qualidade da escola, o historiador age como um colecionador de fatos históricos aos quais ajuda enaltecer sem se preocupar com seus significados sociais. Deixa de lado, por conseguinte, orientações que apontam no sentido de se “ampliar o campo da historicidade na história da educação, mostrando os processos contraditórios, os projetos educacionais da classe dominante, suas concretizações ou não, seus avanços ou retrocessos” (VIEIRA, 1982, p. 111). Segundo esse autor, também é necessário se “exercitar o combate à falta consciência social, vicejante em nossas escolas”, pois, somente assim, “a qualquer educador, a história da educação terá condições de oferecer o retrato global do ensino, as relações entre este e as classes sociais” (p.112).

Considerações finais

As dimensões do conteúdo epistemológico, das habilidades técnicas e relações situacionais não são revistas no positivismo. Alertamos, para o perigo dessa tendência teórico-metodológica em história da educação que volta e meia, “ensaca” literalmente a realidade e a subtrai das discussões interacionistas que poderiam beneficiar todos os atores envolvidos no processo histórico educativo, fazendo com que a história da educação não seja um instrumento capaz de melhorar o futuro da escola; de mostrá-la como um processo comunicativo aberto às revisões e inter-relacionado com a cultura e, acima de tudo, empenhado com a compreensão dos opostos.

A concepção positivista de história da educação é historicizante e linear. Através dela, como vimos, perdemos a oportunidade de entender o processo histórico em educação, como a busca de um significado “humano” para o homem comum; de se compreender, principalmente, o processo de formação de sua identidade.

Referências Bibliográficas

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. Coleção primeiros passos.

BURKE, Perter (org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

COSTA, João Cruz. Augusto Comte e as Origens do Positivismo. **REVISTA DE HISTÓRIA Nº 03**. São Paulo: 1950 - trimestral.

DURKHEIM, Émile. A função da divisão social do trabalho. In **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. O Positivismo na República: notas sobre a história do positivismo no Brasil. **REVISTA DE HISTÓRIA Nº 16**. São Paulo: 1953 - trimestral.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Perspectivas históricas da educação**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SCHÜTZER, Lineu de Camargo. A s Origens Históricas do Positivismo e sua Vocação Pedagógica. **Revista de História Nº 33**. São Paulo: 1958 - trimestral.

RICRARDSON, Roberto Jerry; PERES, José Augusto de Souza et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teorias do Currículo**. Porto-Portugal: Porto editora, 2000¹.

TRIVÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa Em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Evaldo. **Por uma história da educação que esteja presente no trabalho educativo**. São Paulo: Cortez, 1982. Revista Educação e Sociedade nº. 12.

ZEQUERA, Luz Helena Toro. **História da educação em debate: tendências teórico-metodológicas na América Latina**. Campinas: Alínea, 2002.
